

Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

EDUCOMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO IFSP: VOZES FEMININAS E POPULARES NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

¹DASNEVES LIMA, ²MARIANA AGUIAR, ³LUMA GONÇALVES, ⁴LUCIANO CORES

1. Licencianda em Pedagogia no IFSP- Campus Jacareí, dasneves.lima@aluno.ifsp.edu.br
2. Licencianda em Pedagogia no IFSP- Campus Jacareí, garcia.mariana@aluno.ifsp.edu.br
3. Licencianda em Pedagogia no IFSP- Campus Jacareí, Luma.goncalves@aluno.ifsp.edu.br
4. Doutor em educação, docente de Pedagogia no IFSP- Campus Jacareí, luciano.cores@ifsp.edu.br

RESUMO: Este trabalho discute a interface entre Educomunicação e Divulgação Científica no contexto do Instituto Federal de São Paulo (IFSP), com foco na valorização de vozes femininas e populares na construção do conhecimento. A proposta parte do entendimento de que práticas educacionais, como produções audiovisuais, mídias digitais, rádio e outras linguagens acessíveis, podem democratizar o acesso à ciência e promover o protagonismo de grupos historicamente marginalizados. Ao incorporar perspectivas de mulheres, comunidades periféricas e saberes populares, a divulgação científica se torna mais inclusiva, crítica e participativa. O estudo destaca a importância de uma ciência dialógica, que reconheça diferentes formas de conhecimento e favorece a aproximação entre academia e sociedade. Nesse sentido, a Educomunicação surge como estratégia para fomentar uma cultura científica mais diversa e representativa no ambiente educacional.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; divulgação científica; gênero.

EDUCOMMUNICATION AND SCIENCE COMMUNICATION AT IFSP: FEMALE AND POPULAR VOICES IN THE CONSTRUCTION OF KNOWLEDGE

ABSTRACT: This paper discusses the interface between Educommunication and Science Communication within the context of the Federal Institute of São Paulo (IFSP), with a focus on the recognition of female and popular voices in the construction of knowledge. The proposal is based on the understanding that educative practices such as audiovisual productions, digital media, radio, and other accessible formats can democratize access to science and promote the protagonism of historically marginalized groups. By incorporating the perspectives of women, peripheral communities, and traditional knowledge, science communication becomes more inclusive, critical, and participatory. The study highlights the importance of a dialogical science that acknowledges diverse forms of knowledge and fosters closer ties between academia and society. In this sense, Educommunication emerges as a strategy to promote a more diverse and representative scientific culture within the educational environment.

KEYWORDS: educommunication; science communication; gender.

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe discutir a importância da divulgação das práticas educacionais e científicas desenvolvidas no curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de São Paulo. Conforme dados da Plataforma Nilo Peçanha, a maioria dos estudantes é composta por mulheres oriundas das classes populares, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a

transformação social. Parte-se da compreensão de que o conhecimento produzido no interior das instituições públicas deve ser socializado, contribuindo para a formação crítica dos sujeitos, conforme defende Saviani (2008), ao afirmar que a educação escolar deve assegurar a apropriação dos conhecimentos sistematizados historicamente.

A pesquisa, vinculada a um Projeto de Ensino em sua terceira edição, investiga a constituição de ecossistemas comunicativos no contexto do curso, com foco na Educomunicação como prática pedagógica de caráter emancipador. Analisa-se o uso crítico das mídias e tecnologias digitais como

instrumentos de mediação cultural e inclusão social. O projeto atua desde 2020 no fortalecimento da comunidade escolar, promovendo a participação ativa dos estudantes nos processos comunicacionais institucionais.

É fundamental destacar que, em um contexto em que a maior parte do público do curso é composto por mulheres, o enfrentamento ao machismo institucional e estrutural se faz necessário e urgente, uma vez que este impacta negativamente na produção e na visibilidade das produções acadêmicas do curso. A reflexão se ancora na pedagogia histórico-crítica, que concebe a educação como prática social transformadora (SAVIANI, 2008), e nas análises da divisão sexual e social do trabalho, que evidenciam a invisibilização das mulheres nas estruturas de produção do conhecimento (SAFIOTI, 2013).

MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa insere-se no campo das investigações qualitativas em educação, com abordagem participativa. A metodologia adotada baseou-se na pesquisa-ação crítica colaborativa (FRANCO, 2005), que concebe os sujeitos envolvidos como participantes ativos no processo de produção de conhecimento. Essa escolha se justifica pelo compromisso ético e político da investigação com a transformação das práticas educativas e a construção de espaços formativos mais equitativos e representativos. O projeto tem como foco a constituição de ecossistemas comunicativos no âmbito do curso de Licenciatura em Pedagogia, a partir da Educomunicação como eixo metodológico. A Educomunicação é entendida como um campo de interface entre comunicação e educação, voltado à promoção da expressão crítica, da autonomia e da inclusão social, conforme discutem Soares (2011) e Ferrari (2009). Assim, o uso das tecnologias digitais e das mídias sociais é mobilizado como instrumento pedagógico e político, visando à mediação cultural e à ampliação da participação discente nos processos institucionais de comunicação.

A pesquisa está ancorada na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2008), que compreende a educação como prática social vinculada à transformação da realidade social, e nas contribuições do pensamento feminista materialista, especialmente de Safioti (2013), para a compreensão das desigualdades de gênero na produção do conhecimento. A perspectiva interseccional orienta a análise dos dados, considerando as múltiplas opressões enfrentadas pelas estudantes mulheres, majoritariamente oriundas das classes populares.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa dialoga com os estudos de Freire (1987), que afirma a importância de práticas educativas que partam da realidade concreta dos sujeitos para desenvolver consciência crítica, e com autoras feministas como Davis (1994), que defende um recorte teórico entre gênero, classe e raça e a forma como esses recortes se perpassam na vida de mulheres. Considera-se também o pensamento de González (2020), que discute o epistemicídio de saberes produzidos por mulheres negras e a necessidade de ampliar o reconhecimento da diversidade epistêmica nos espaços acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se pensar na motivação de propor um projeto visando divulgar a ciência dentro do curso, faz-se necessário compreender a pedagogia enquanto ciência da educação. O debate acerca da cientificidade da Pedagogia não é algo novo. Ao longo da história muitos foram os pensadores que dedicaram esforços para justificar a Pedagogia enquanto a Ciência da Educação.

Herbart é pioneiro na defesa de que “a Pedagogia é a Ciência que o educador precisa para si mesmo” (Herbart, 2003, p.16). Neste sentido, em suas formulações acerca da educação e de sua finalidade, o autor estabelece critérios e bases para uma Pedagogia Científica, além de apresentar reflexões sobre a importância da comunicação entre a Pedagogia e outras Ciências Humanas e sobre o fundamento científico da Pedagogia, que seria a Psicologia e a Ética, uma vez que a educação é

compreendida por este como processo de aperfeiçoamento humano. Além disso, Herbart também destaca a importância e a necessidade da Pedagogia se constituir como campo científico rigoroso e autônomo:

Seria seguramente melhor se a Pedagogia se concentrasse tão rigorosamente quanto possível nos seus próprios conceitos e cultivasse mais um pensamento independente. Deste modo, tornar-se-ia o centro de um círculo de investigação, já sem correr o perigo de ser regida por um estranho conceito, à semelhança de uma província conquistada e distante. Só nas circunstâncias em que toda e qualquer ciência se esforçar por se orientar à sua maneira e com a mesma força que as ciências afins, pode surgir um benéfico intercâmbio entre todas (Herbart, 2003, p.13).

Neste mesmo movimento, existem pensadores que a entendem não como Ciência, mas como área produtora de conhecimento científico e outros que advogam contra ambas as teorias citadas. Pois bem, os argumentos que fundamentam o não reconhecimento da Pedagogia enquanto uma Ciência são muitos, desde os limites e dificuldades que este campo possui em delimitar seu objeto de estudo, a relação intrínseca que a Pedagogia constrói com outras Ciências, a falta de um marco teórico autônomo e a ação voltada para a prática docente. Além disso, há também aqueles que não veem cientificidade em ciências humanas e sociais no geral, partindo de um pressuposto de Ciência como a portadora da verdade, da racionalidade e neutralidade, como veremos no desenvolvimento do trabalho.

Compreender este fenômeno requer investigações em diversos sentidos, no entanto, o presente trabalho irá investigar as origens dessa desvalorização a partir de uma perspectiva de análise que considera a relação de gênero um fator fundamental para o aprofundamento do problema. Sabe-se que as relações de gênero ao longo da história, principalmente na modernidade e no Brasil, são estruturantes da organização social em que vivemos. Essas relações partem de uma lógica de opressão onde os homens desfrutam de privilégios sociais, culturais e econômicos. Neste ordenamento social, o surgimento e a consolidação das Ciências passam por instâncias onde o protagonismo masculino é predominante. A exclusão sistemática das mulheres do campo acadêmico e científico é em parte ideológica e em parte fruto das próprias atribuições de papéis sociais a serem cumpridos por cada sujeito de acordo com seu gênero.

Sendo assim, ao partir de um recorte de gênero para investigar este fenômeno é possível não só discutir as bases epistemológicas que fundamentam e estruturam o não reconhecimento da cientificidade da Pedagogia, como também compreender o impacto que a feminização do magistério, sendo este um fenômeno histórico recente no Brasil, produz no aprofundamento do problema, uma vez que a predominância de mulheres na área, é muitas vezes associada a uma menor valorização acadêmica e científica, reforçando estereótipos de gênero que relembram as mulheres papéis secundários ou de menor prestígio, papéis estes diretamente ligados às ideias de cuidado, atuação na área por amor ou dom de cuidar e amar, sendo este diretamente vinculado à função materna exercida pelas mulheres em nossa sociedade. Para construir esse caminho e problematizar a importância de se divulgar o conhecimento científico produzido no curso é importante pensar na situação ao qual se encontram as estudantes do mesmo. Além das funções atribuídas no trabalho produtivo, as mulheres também desempenham funções nos termos domésticos, de sexualidade, reprodução e socialização dos filhos e filhas. Essas condições fortaleceram a marginalização das mulheres no trabalho, resultando em ocupações de menor prestígio, salários mais baixos, dificuldades na consolidação de suas carreiras diante da pausa forçada ao trabalho durante a gestação e pós-parto e em situações de adoecimento de familiares, nas quais os cuidados também se tornam sua responsabilidade.

A junção das condições de vida e de instrução das mulheres brasileiras e sua segregação no mercado de trabalho abriu espaços para consolidação de profissões voltadas ao público feminino. A “entrada triunfal” das mulheres no magistério, só se torna massiva à medida que a educação passa a ser democratizada, e, conseqüentemente, desvalorizada. Surge, então, a necessidade de mão de obra para realizar essa tarefa, mão de obra essa que se sujeita às péssimas condições de trabalho oferecidas pelo poder público brasileiro. As mulheres são diretamente associadas a essa capacidade pela lógica de destino de gênero, do dom do cuidado e da extensão das funções maternas.

Nesse sentido, é necessário compreender a hipótese de que o trabalho do cuidador, a extensão do “maternar” e a histórica presença do magistério como uma função quase exclusiva de cuidado atribuída às mulheres acabam por reforçar estereótipos de gênero que desvalorizam a capacidade científica feminina, especialmente dentro da Pedagogia. Essa construção social invisibiliza o conhecimento produzido por mulheres, sobretudo por mulheres negras, marginalizando suas contribuições teóricas e epistemológicas. Lélia Gonzalez (1988) já denunciava como os saberes

femininos, especialmente os provenientes de experiências negras e populares, são frequentemente deslegitimados pela academia, que privilegia epistemologias eurocêntricas e masculinas.

CONCLUSÕES

Com isso, é possível afirmar que o projeto de educomunicação, ao proporcionar espaços de fala para estudantes da Licenciatura em Pedagogia do IFSP, configura-se como uma importante forma de divulgação científica. Ao valorizar as experiências e trajetórias de vida dessas mulheres durante o percurso da graduação, o projeto não apenas democratiza o conhecimento, como também afirma a legitimidade de saberes historicamente marginalizados. Nesse contexto, conforme aponta Lélia Gonzalez (1988), essa valorização dos saberes femininos especialmente quando expressos por mulheres negras e periféricas constitui um verdadeiro ato de resistência dentro da estrutura acadêmica, que tende a invisibilizar esses sujeitos e seus saberes.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

D.L, M.A e L.G contribuíram com a escrita do texto, D.L revisou o texto e L.C foi orientador do projeto inicial que fizemos o recorte neste texto. Todos os autores revisaram a versão final e autorizaram a versão do trabalho

AGRADECIMENTOS

¹Agradecemos ao Instituto Federal de São Paulo e ao curso de Licenciatura em Pedagogia pelo apoio institucional e financeiro para a constituição e manutenção do projeto. Às estudantes do curso, que, com resistência, coragem e compromisso, enfrentam diariamente os desafios da permanência e reafirmam a importância da educação pública. Profunda gratidão às mulheres do curso de Pedagogia, cuja participação ativa, sensibilidade e engajamento contribuíram significativamente para a construção desta pesquisa.

²Agradeço, de forma especial, às amigas que se tornaram, ao longo desta jornada, a minha verdadeira família: Maria Eduarda Coelho, Ana Elisa Ribeiro Lacerda, Luma Gonçalves e Patricia Torres. Expresso também minha gratidão aos professores Luciano Nunes Sanchez Cores e Márcia Teani, que, com paciência, dedicação e um vasto conhecimento historicamente acumulado, me ofereceram orientação, base e formação durante minha primeira experiência em pesquisa acadêmica no âmbito do PIBID, em 2022. Agradeço também ao feminismo raiz por até aqui ter me feito viva, resistente e corajosa.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Angela Y. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016. 244 p.

FERRARI, Maria Aparecida. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. In: SOARES, Ismar de O. (Org.). Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2009.

FRANCO, Maria Lúcia de Almeida. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SOARES, Ismar de O. Educomunicação: diálogo entre comunicação e educação. Comunicação & Educação, v. 16, n. 1, p. 15-22, 2011.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69–82, 1988.

¹ Autoria geral do trabalho

² Autoria de Dasneves Santos

HERBART, Johann Friedrich. Pedagogia geral. Tradução de Ludwig Scheidl. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 230 p. ISBN 972-31-0998-0. Disponível em: <http://dspace.unisa.br/handle/123456789/695>

SAFFIOTI, Heleieth I. B. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528 p.